

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora  
instagram.com/marcador\_editora

© 2019

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (exceto Brasil) à Marcador Editora,  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

© 1988 by Nelson DeMille

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal.

Título original: *The Charm School*

Autor: Nelson DeMille

Tradução: Luís Filipe Silva

Revisão: Isabel Garcia/Editorial Presença

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Marcador Editora

Imagens de capa: Shutterstock, exceto a Catedral de S. Basílio (Nikita Karimov – Unsplash) e o  
caminho com neve (Mat Reding – Unsplash)

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 454 018/19

1.ª edição, Lisboa, abril, 2019

– Senhor Fisher, já está há dois dias em Smolensk? – perguntou ela.

Gregory Fisher habituara-se à peculiar sintaxe e inflexões verbais da língua inglesa usadas naquela parte do mundo, e não lhe causavam mais confusão nem divertimento.

– Sim – respondeu. – Estou há dois dias em Smolensk.

– Porque não o vi quando chegou?

– A senhora estava fora. Portanto, vi a polícia... a milícia.

– Sim? – Ela folheou os documentos em cima da secretária com uma expressão consternada, mas depois descontraiu-se. – Ah, sim. Bom. Está hospedado no Hotel Tsentralnaya.

Fisher encarou a representante da Intourist. Teria vinte e cinco anos de idade, pouco mais velha do que ele. De aspeto, escapava. Ou então, ele andava há muito tempo na estrada.

– Sim, fiquei no Tsentralnaya ontem à noite.

Ela examinou o visto.

– Turismo?

– Correto. *Turizmo*.

– Ocupação? – perguntou ela.

Fisher começava a ficar impaciente com tantas medidas de controlo interno. Aparentemente, entrar numa nova cidade era como cruzar uma fronteira.

– Ex-estudante universitário, atualmente desempregado – respondeu.

Ela anuiu.

– Sim? Há muito desemprego na América. E pessoas sem-abrigo.

Fisher já percebera que os russos eram obcecados com os problemas de desemprego, sem-abrigo, crime, drogas e raça que havia na América.

– Estou temporariamente desempregado.

– A própria Constituição soviética garante a cada cidadão um emprego, uma habitação e uma semana de trabalho de quarenta horas. A vossa Constituição não garante isto.

Fisher ponderou várias respostas mas acabou por dizer:

– Hei de me queixar ao meu congressista.

– Sim?

– Sim – disse Fisher, de pé no escritório com paredes amarelo-claras.

A mulher entrelaçou os dedos e inclinou-se para diante.

– Gosta da sua visita a Smolensk?

– Excelente. Quem me dera poder ficar.

Ela abriu o itinerário de viagem dele sobre a secretária e marcou vigorosamente toda a papelada com um carimbo vermelho de borracha.

– Já visitou o nosso parque cultural?

– Gastei lá um rolo de filme.

– Sim? Visitou o Museu de História Local na Rua Lenine?

Fisher não quis esticar a sua credibilidade.

– Não. Esse, perdi. Hei de passar por lá no regresso.

– Ainda bem. – Ela encarou-o com curiosidade por instantes.

Fisher pensou que lhe agradava ter companhia. A bem dizer, a agência Intourist de Smolensk tinha um ar deveras abandonado, como a montra das lojas da Câmara de Comércio numa terriola de província na América.

– Não vemos muitos americanos por estas bandas.

– Não posso crer.

– Nem muitos do Ocidente. Autocarros dos países socialistas vizinhos.

– Vou espalhar a palavra.

– Sim? – Ela tamborilou com os dedos contra a secretária, depois disse pensativamente: – Podem viajar para qualquer parte.

– Perdão?

– É o que me diz um americano. Toda a gente tem passaporte. Trinta dólares. Duas, três, quatro semanas.

– Pode demorar mais tempo. Não podemos viajar para o Vietname, Coreia do Norte, Cuba, e outros sítios.

Ela anuiu, absorta. Depois de alguns instantes perguntou:

– Está interessado no socialismo?

– Estou interessado na Rússia – retorquiu Fisher.

– Estou interessada no seu país.

– Venha visitá-lo.

– Sim. Um dia. – Ela leu em voz alta um formulário impresso: – Tem os conjuntos obrigatórios de primeiros socorros e de ferramentas no seu automóvel?

– Com certeza. Os mesmos que tinha em Minsk.

– Ainda bem. Deve manter-se nas estradas designadas. Não há paragens autorizadas daqui até Moscovo para passar a noite. Os turistas estrangeiros estão proibidos de conduzir durante a noite pelas zonas rurais. Deve entrar na cidade de Moscovo antes do final do dia.

– Eu sei.

– Quando chegar a Moscovo, deve apresentar-se diretamente ao representante do Intourist do Hotel Rossiya onde ficará hospedado. Antes disto, só pode parar para combustível e pedir direções à milícia.

– E usar o *tualet*.

– Bem, sim, obviamente. – Ela fitou o itinerário. – Está autorizado a fazer um pequeno desvio em Borodino.

– Sim, eu sei.

– Mas eu não recomendo que o faça.

– Porquê?

– Faz-se tarde, senhor Fisher. Apresse-se a chegar a Moscovo antes que seja noite. Já estou a aconselhar que fique em Smolensk esta noite.

– Já estou a sair do hotel. Sim?

A mulher não pareceu notar a imitação ridícula do seu inglês e comentou:

– Posso marcar-lhe um novo quarto cá. Meu trabalho. – Sorriu pela primeira vez.

– Obrigado. Mas estou certo de que chego a Moscovo antes que seja noite.

Ela encolheu os ombros e empurrou a papelada na direção dele.

– *Spasibo*.

– *Da svedabnya* – disse Greg Fisher com um aceno de mão e enfiando os papéis na sua sacola.

– Conduza com segurança – retorquiu ela. – Tenha cuidado, senhor Fisher.

Fisher entrou no ar fresco das ruas de Smolensk, a pensar naquela derradeira frase enigmática. Inspirou profundamente, e abordou a multidão que rodeava o seu carro. Teve de abrir caminho pelo ajuntamento.

– Com licença...

Destrancou a porta do *Pontiac Trans Am* azul-metálico, sorriu, fez o sinal de V com os dedos, enfiou-se no carro e fechou a porta. Ligou o motor e conduziu devagar pelas pessoas, que se foram desviando.

– *Da svedabnya*, povo de Smolensk.

Conduziu com cuidado pelo centro de Smolensk, orientando-se pelo mapa aberto no assento ao lado. Dez minutos depois, tinha voltado à autoestrada Minsk-Moscovo, virando para leste em direção à capital soviética. Cruzou-se com veículos agrícolas, camiões e autocarros, mas nenhum

automóvel. O dia estava ventoso, com nuvens cinzentas que passavam por um sol enfraquecido.

Quanto mais avançava para leste, mais o outono progredia, notou ele. Contrastando com a intensa atividade agrícola que encontrara na Alemanha de Leste e na Polónia nesta latitude, aqui o trigo tinha sido inteiramente colhido em ambos os lados da autoestrada, e os pomares ocasionais estavam vazios de frutos.

Greg pesou a sua situação enquanto a paisagem corria. As restrições e os procedimentos não eram apenas incómodos, mas também um pouco assustadores. E contudo, fora bem acolhido pelos cidadãos soviéticos que encontrava. Tal como escrevera nos postais para os pais, «Ironicamente, este é um dos últimos lugares onde ainda gostam dos americanos». E ele gostava do povo, tal como gostava de o carro parar literalmente o tráfego e fazer as cabeças virarem-se por onde passava.

O *Trans Am* tinha matrícula do Connecticut, jantes de liga de alumínio fundido, asa traseira e uma pintura decorativa feita ao seu gosto; o «carrão» americano por excelência e, segundo ele, nada igual percorrera alguma vez a estrada para Moscovo.

Do assento traseiro sentia o aroma de frutas e vegetais que os aldeões e os camponeses lhe ofereciam em todas as paragens. Ele, por sua vez, oferecera-lhes canetas de feltro, calendários americanos, lâminas de barbear descartáveis, e outros pequenos luxos que fora aconselhado a trazer. Greg Fisher sentia-se um embaixador da boa vontade, o que era imensamente divertido.

Um marco de pedra na via informou-o de que Moscovo se encontrava a duzentos e noventa quilómetros. Espreitou para o relógio digital do *tablier*: 14h16.

Pelo retrovisor, viu aproximar-se um comboio de veículos do Exército Vermelho. O carro que seguia à frente, pintado com o verde militar padrão, encostou-se à sua traseira.

– Ei, não te quero colado a mim – resmungou Fisher.

O carro piscou os faróis, mas Fisher encontrava-se numa estrada de duas faixas ladeadas por valas de drenagem, e não conseguiria encostar à berma. Portanto, acelerou. O motor V-8 de 5 litros tinha uma bomba de injeção direta mas o combustível da região não combinava com o sistema, provocando uma explosão de gases.

– Raios.

O carro continuava colado a ele. Fisher olhou para o velocímetro, que indicava cento e dez quilómetros por hora, vinte acima do limite.

Subitamente, o carro adiantou-se e pôs-se ao lado dele. O condutor buzinou. A janela traseira desceu e um oficial com galões dourados encarou-o.

Fisher esboçou um sorriso enquanto levantava o pé o acelerador. O longo comboio de camiões, transportadores de tropas e carros ultrapassou-o, com os soldados a acenarem e a lançarem-lhe o tradicional urra do Exército Vermelho.

O comboio desapareceu à frente e Greg Fisher soltou o fôlego.

– Mas que raio faço eu aqui?

Era também o que os pais perguntavam. Tinham-lhe oferecido o carro e as férias como prenda por concluir o MBA em Yale. Greg despachara o carro por navio para Le Havre e passara o verão a conhecer a Europa Ocidental. Entrar no Bloco de Leste fora ideia sua. Infelizmente, os vistos e as autorizações automóveis tinham demorado mais do que se previa, e, tal como Napoleão e Hitler antes dele (pensara), a sua incursão na Rússia atrasara-se um mês, entrando na estação desagradável.

A paisagem, na perspectiva de Fisher, merecia a reputação de monótona e infinita. E o céu parecia refletir o terreno: cinzento e interminável, uma vastidão que não se alterara durante os últimos oito dias. Podia jurar que o clima transitara de soalheiro para desolador, mal transpusera a fronteira da Polónia.

O entusiasmo dos turistas na União Soviética, percebera, pouco se devia à terra (entediante), às pessoas (desinteressantes) ou ao clima (péssimo), mas advinha de estarem num local em que relativamente poucos ocidentais tinham entrado, num país que não encorajava o turismo, onde a xenofobia era uma condição enraizada da mentalidade nacional; uma nação que era um estado policial. O derradeiro destino de férias: um lugar perigoso.

\*\*\*

Gregory Fisher ligou o rádio do carro mas não conseguiu apanhar a Voice of America nem a BBC, que só se ouviam durante a noite. Escutou durante algum tempo um homem que discursava numa voz retumbante, acompanhado por marchas militares, e foi capaz de descortinar as palavras «Amerikanets» e «agressiya» sendo repetidas. Desligou o rádio.

A autoestrada tornara-se mais ampla e lisa à saída de Tumanovo, mas não encontrou outros indícios que indicassem a proximidade da grande metrópole de Moscovo. A bem dizer, pensou, sentia uma invulgar falta das atividades comerciais rodoviárias próprias do século xx.

– Estou a ter um ataque de Big Mac.

Enfiou uma cassete no leitor com aulas de russo, e foi repetindo:

– *Ya-plokho-syebya-choo*. Sinto-me doente. *Na-shto-zhaloo-yetyes?* Qual é o teu problema?

Fisher manteve-se atento à gravação enquanto o *Trans Am* conquistava o asfalto. No meio do campo, mulheres respigavam o trigo deixado pelas alfaias agrícolas.

À distância, Fisher notou a silhueta de uma aldeia que não se encontrava no mapa. Passara por aldeias perdidas como aquela ao longo da autoestrada, e também por aglomerados de construções com ar mais moderno e largas vias de acesso, que supôs tratarem-se de quintas estatais. Mas não havia casas particulares. E as aldeias não tinham propriamente um aspeto digno de figurarem em postais turísticos.

Formava um contraste com as aldeias da Europa Ocidental, que eram verdadeiros mimos, cada curva da estrada revelando um novo cenário de encanto pastoral. Ou assim pareciam, comparadas com aquela visão. À superfície, a Rússia rural não distava muito da América rural; o interior dos dois países tinha pouco de exótico ou histórico, vazio de castelos e mansões antigas, escassas mensagens do passado. Um mero negócio agrícola funcional, ainda que ineficiente, cuja sede estava em Moscovo.

– Não gosto disto – disse ele.

Fisher entrara entretanto na aldeia, composta essencialmente por casas de troncos, *izbas*, cujas portas, armações das janelas e canteiros de flores estavam pintados no mesmo tom azul.

– A Fábrica de Tinta do Povo Número Três produziu tinta azul número dois acima da quota. Sim?

A aldeia, no seu todo, estendia-se por meio quilómetro, em ambos os lados da autoestrada, como um motel Kozy Kabin corrido nas montanhas Adirondack. Presenciou idosos e crianças a colherem tubérculos das hortas plantadas nos pequenos jardins rodeados de cercas. Um velho aplicava argamassa nos intervalos dos troncos de uma *izba* enquanto algumas crianças aterrorizavam, contentes, um bando de galinhas.

Todos eles pararam e viraram-se para olharem o *Trans Am* azul-metálico. Fisher soltou um aceno passageiro e começou a acelerar, mal ultrapassou a última casa. Olhou por cima do ombro direito e vislumbrou o sol que descia para o horizonte a sudoeste.

Meia hora depois, saía da autoestrada e entrava numa estrada mais pequena, paralela a esta, que outrora tinha sido a primeira estrada de Moscovo destinada ao Ocidente. Poucos minutos depois encontrava-se nas redondezas de Mojaisk, a cento e vinte e oito quilómetros da capital, e abrandou para o limite de velocidade em zona urbana. O guia da Intourist informou-o de que era uma vila do século XIII da antiga Moscóvia, mas não havia sinais evidentes de antiguidade nos edifícios de betão simples e madeira. O mapa indicava a existência de um mosteiro algures na região, e ele viu o pináculo

da Catedral de São Nicolau mas não tinha tempo nem vontade de passar por ela. Havia um lado negativo no facto de ser americano e conduzir um *Trans Am* na Rússia profunda e recôndita, um limite para a quantidade de atenção passível de atrair antes de se tornar incômoda.

Seguiu por Mojaisk, mostrando um ar indiferente ao volante, evitando o olhar do guarda de trânsito estatal que orientava os carros no único grande cruzamento.

Por fim, com a vila pelas costas, descobriu o que procurava, um posto de combustível, o único posto de combustível, no extremo oriental de Mojaisk, assinalado pela figura de uma bomba. Parou no cimento branco e imaculado junto a uma bomba amarela. Um homem com fato-macaco azul, limpo, estava sentado numa cadeira à porta de um edifício branco de betão e lia um livro. Espreitou por cima do volume. Fisher saiu do carro e abordou-o.

– Como vai a vida? – Fisher entregou-lhe cupões da Intourist que representavam trinta e cinco litros de combustível de 93 octanas. – *Okay?*

O homem anuiu.

– *Oo-kaaay.*

Fisher voltou ao carro e começou a encher o depósito. O homem seguiu-o e olhou por cima do ombro dele para o contador. Fisher nem quis saber por que motivo os postos de combustível eram todos em regime de *self-service*, se o funcionário tinha de vigiar o cliente. Fisher deixara de se espantar com essas coisas. Chegou aos trinta e cinco litros, mas o depósito não estava cheio e, portanto, enfiou-lhe mais quatro litros antes de repor a mangueira no lugar. O funcionário continuava interessado no interior do *Pontiac* e não notou.

Fisher entrou no carro, ligou o motor possante e puxou o acelerador. Baixou os vidros elétricos e entregou ao funcionário um maço de postais de Nova Iorque.

– Lá, são todos sem-abrigo. Sim?

O funcionário passou lentamente a vista pelos postais. Fisher colocou uma cassette de Bruce Springsteen no leitor, engatou a mudança e deixou marcas de borracha no betão branco. Fez meia-volta apertada e acelerou pela estrada.

– Isto é mesmo surreal.

Baixou as janelas e entregou-se à música.

Fisher esmagou o acelerador até ultrapassar em grande medida o limite de velocidade.

– Não vi um polícia de trânsito nos últimos dois mil quilómetros. Aqui não se usam radares.

Pensou no hotel Rossiya em Moscovo. Seria o seu primeiro alojamento decente desde Varsóvia.

– Preciso de um bife e de *whisky*. – Teria de decidir o que fazer com as frutas e vegetais no assento traseiro.

Outro pensamento surgiu-lhe à mente. «Evitar ligações sexuais», dissera-lhe o homem da embaixada em Bohn, onde levantara o visto soviético, e até agora evitara-as, ainda que por pouco em Varsóvia. Mesmo assim, trazia quinze pares de *collants* e uma dúzia de batons.

– Quando chegar ao Rossiya, logo se pensa nisso.

Fisher manteve-se atento a qualquer indicação que o encaminhasse para a autoestrada principal.

– Fez-se dia, *pôs-se nôte* e *inda ‘tamos* na Rússia.

Greg Fisher encostou na berma da estrada deserta. Um marco de pedra indicava cento e oito quilómetros, e uma seta indicava o caminho de volta para a autoestrada através de uma via de faixa única com piso estragado. Outra seta virada à esquerda apontava para uma estrada ascendente, em melhores condições. A placa estava em cirílico, mas ele conseguiu ler a palavra «Borodino». Olhou para o relógio no *tablier*. 16h38. Acelerou por impulso e virou para o caminho de Borodino, dirigindo-se para oeste em direção ao sol poente.

Não sabia o que esperava encontrar em Borodino, mas pressentia que era uma oportunidade a não perder. Em junho entrara na praia da Normandia, emocionando-se ao recordar os acontecimentos que ali decorreram. Do mesmo modo, pensou, queria ver o sítio em que Napoleão e Kutuzov se defrontaram, e que, cinquenta anos depois, Lev Tolstói visitara, para conceber o épico *Guerra e Paz*. Fisher pensou que, possivelmente, devia aquele gesto aos russos, antes de entrar em Moscovo.

\*\*\*

A estrada fazia uma curva suave e subia gradualmente. Havia álamos de cada lado, uma visão agradável a Fisher. Conduziu lentamente por uma série de pilares de pedra com portões de ferro abertos. A estrada chegou ao cimo de uma pequena colina, e diante dele abria-se o Campo de Borodino, onde a Grande Armée de Napoleão defrontou o exército russo liderado pelo marechal Kutuzov. A estrada dava acesso a um pequeno estacionamento diante de uma construção em pedra calcária branca, com um telhado vermelho e um pórtico neoclássico. Duas alas, de cada lado do pórtico, apresentavam janelas francesas em arco. Dois canhões antigos de carregar pela boca flanqueavam a entrada. O edifício, lera Fisher no livrinho da Intourist, era o museu de Borodino. Vasculhou por entre as cassetes até dar com a «Abertura de 1812» de Tchaikovsky. Enfiou-a no leitor, aumentou o volume e saiu do

carro, deixando a porta aberta. A música ecoou pelo silencioso campo de batalha, e um bando de gansos selvagens levantou voo.

Fisher subiu a escadaria do museu, e tentou abrir as portas mas estavam fechadas.

– Era de esperar. – Virou-se e contemplou os campos relvados e os outeiros onde duzentos e cinquenta mil soldados franceses e russos se defrontaram num dia de setembro de 1812, os franceses querendo conquistar Moscovo, os russos querendo defender a capital. Durante quinze horas, de acordo com o seu guia, os dois lados dispararam um contra o outro e, ao final da tarde, os russos recuaram para Moscovo, e os franceses apoderaram-se do campo de Borodino e da pequena aldeia com o mesmo nome, deixando para trás cem mil homens mortos e feridos.

Fisher discerniu ao longe o memorial aos soldados e oficiais franceses que aqui lutaram em 1812, e mais além um monumento mais recente dedicado aos defensores russos que tentaram travar os alemães neste mesmo local em 1941. Fisher reparou que não havia monumento aos alemães.

Greg Fisher sentiu-se subitamente assolado por uma vertigem de história e de tragédia ao contemplar os campos agora pacíficos, naquela paz de morte do entardecer outonal. O frio vento de leste soprava as folhas das bétulas sobre os degraus de granito em que se encontrava, e o canhão da abertura de Tchaikovsky ressoava na paisagem mansa.

– Rússia – disse baixinho para si mesmo – *Rodina...* terra-mãe. Rússia que sangras. E que os fizeste também sangrar a todos. Mataste-os em grandes números de sete algarismos.

Fisher regressou ao carro a passo lento. O ar estava mais frio e o vento intrometia-se na roupa. Fechou a porta e baixou o som da cassete enquanto conduzia devagar pelos trilhos, passando pelo obelisco de granito preto em honra de Kutuzov, pela vala comum dos soldados soviéticos abatidos em combate em 1941, pelo monumento dedicado à Grande Armée de 1812 e pelas dúzias de pequenos identificadores dedicados aos regimentos russos de 1812 e 1941. No lusco-fusco que enegrecia, Fisher julgou escutar o ruído abafado da batalha, os gritos dos homens. *Sou muito exigente com eles*, decidiu. *Tiveram uma história complicada. Sempre a serem lixados pelo Ocidente.*

Perdera a noção das horas, e a luz do dia escurecera visivelmente. Tentou voltar pelo rumo através das colinas baixas e dos grupos de bétulas mas percebeu que estava perdido.

Fisher viu que entrava numa mata de pinheiros altos, mas continuou, relutante, pela estrada estreita e pavimentada, procurando um espaço aberto para inverter a marcha. Acendeu os faróis mas revelaram apenas muros de pinheiros verdes de cada lado.

– Deus do céu...

Subitamente, os faróis iluminaram uma placa grande de madeira atada a uma árvore, e Fisher parou o carro. Encarou pelo para-brisas uma indicação em cirílico, conseguindo descortinar a palavra familiar STOP. O resto era perfeitamente incompreensível, exceto o familiar CCCP. Propriedade do governo. Mas, atualmente, o que não seria propriedade do governo?

– Preciso disto? – Pensou detetar um tremor na voz, portanto disse com mais força. – Não preciso desta treta, pois não?

Enquanto ponderava no que fazer a seguir, reparou que as árvores pareciam formar uma clareira pequena, à sua direita. Ficava depois da placa, e como não quis passar por esta com o carro, retirou uma lanterna do espaço inferior do assento e saiu. Transpôs os dez metros até à clareira. Era um trecho com cascalho, menos de cinco metros quadrados e obviamente pensado para fazer uma inversão de sentido, uma forma de permitir ao condutor desatento cumprir o indicado na placa.

– Eficiência russa. – Pontapeou as pedrinhas, decidindo que não fazia mal. Fez meia-volta para regressar ao carro, mas parou de imediato.

Por cima do vibrar do motor, ouvia as ramagens a mexerem-se. Ficou imóvel, respirando pelo nariz, notando o odor resinoso das árvores. O ar encontrava-se frio e húmido, e ele, mesmo usando um blusão, arrepiou-se. Voltou a ouvir o restolhar dos ramos do pinheiro, agora mais próximo. *Deve ser um veado, atraído pela luz dos faróis. Pronto.* Avançou um passo em direção ao carro. Algures ao longe, um cão ladrou... um latir pouco amigável, pensou.

O brilho dos faróis do carro cegava-o, e teve de proteger a vista enquanto percorria em passos largos os dez metros de regresso ao carro; *um, dois, três, quatro, cinco...*

– Eficiência russa – disse uma voz a poucos metros à sua direita.

Fisher sentiu os joelhos fraquejarem.